

Oficinas de Teatro na EPA - Narrativas de si e identidades de pessoas em situação de rua

Taís Ferreira¹, Cristiane Werlang², Laura Vianna Mallmann²

¹Faculdade de Educação - FAGED/UFRGS

²Instituto de Artes - IA/UFRGS

A Escola Municipal de Ensino Fundamental Porto Alegre (EPA) é um espaço educacional e de acolhimento de pessoas em situação de rua que atua há 35 anos na região central do município, sendo referência e espaço de resistência. Oferta, através da modalidade Educação de Jovens e Adultos (EJA), aulas do ensino regular das séries iniciais às finais do Ensino Fundamental e opera em muitas outras instâncias que envolvem processos de humanização, de visibilização e escuta com uma população extremamente vulnerável, vítima das relações brutais de desigualdade social em nosso país e de total desamparo no que tange ao acesso às políticas públicas de saúde mental, abrigo e combate à violência.

No ano de 2021, a coordenação pedagógica da escola solicitou uma parceria à UFRGS para a oferta de oficinas de teatro para seus estudantes, que já contavam com atividades regulares voltadas ao audiovisual, às artes visuais, à cerâmica e à literatura, mas vinham demonstrando interesse nas artes da cena. A demanda chega à área de teatro da Faculdade de Educação da UFRGS e é aceita pela professora Taís Ferreira, que constrói uma parceria com a professora do Instituto de

Artes Cristiane Werlang e, juntas, iniciam um profícuo diálogo com a gestão da escola, que culmina no início das oficinas de teatro, que são integradas dentro do currículo da EJA do ciclo dos anos iniciais e se desenvolvem ao longo de todo ano de 2022 (e continuam em andamento em 2023). A estudante da Licenciatura em Teatro da UFRGS, Laura Mallmann, aceitou o desafio de ser a bolsista do projeto e de ministrar as oficinas, orientada e acompanhada pelas docentes coordenadoras. O público das oficinas foi flutuante, no sentido de que a escola recebe estudantes que a frequentam por um período e depois se desvinculam, retornam e assim por diante, movimento esse característico de pessoas desabrigadas,



Oficina de teatro EPA

que têm seus vínculos familiares e profissionais desfeitos e não usufruem de direitos básicos como moradia, alimentação, saúde e emprego.

Assim, a cada encontro busca-se trabalhar elementos da performatividade e da teatralidade que estimulem experimentações profícuas que se bastem naquele espaço tempo, não necessitando de experiências anteriores ou projetando experiências futuras. O tempo presente e o aqui e agora radicais foram a tônica dos meses de trabalho em que foram desenvolvidos com os e as estudantes diversas possibilidades de construir e contar suas próprias histórias pregressas e aquelas que eles almejavam viver ou inventar através de jogos teatrais, exercícios de contação de histórias e de narrativas, teatro de formas animadas, canções, brincadeiras de roda e um processo de escuta e de troca que muito nos ensinou. Dar voz e escutar populações silenciadas como aquela que se encontra em situação de rua, dar visibilidade a estes corpos pelos quais passamos todos os dias e que ignoramos, é um ato radical de deslocamento

de sentidos para nós e para estes sujeitos.

As oficinas de teatro foram pouco a pouco gerando mais curiosidade nos alunos e alunas da EPA, evidenciando um crescente interesse por este espaço de acolhimento que o teatro proporciona. Apesar de contar com um público flutuante, alguns alunos estabeleceram-se com mais regularidade nas oficinas e puderam se soltar no transcorrer do ano e manifestar, através das propostas da bolsista, algumas paixões e ideias sobre o mundo que enriqueceram sobremaneira a forma como foram conduzidas as aulas. Nesta troca constante, por diversas vezes, foi necessário uma reavaliação e uma adaptação do projeto às novas solicitações trazidas pela turma, já que a realidade que a EPA apresenta é bem distinta da grande maioria das escolas. No decorrer do projeto, com as adaptações necessárias, foi possível desenvolver um trabalho que abordou diferentes matrizes estéticas relacionadas às artes da cena e, no centro de tudo, a troca fluida e produtiva entre todos/as envolvidos/as. ◀

Gênero e diversidade no ambiente escolar

Letícia Schneider Ferreira , Robert Reiziger de Melo Rodrigues
Instituto Federal do Rio Grande do Sul (FRS) - Campus Bento Gonçalves

O presente relato tem por finalidade abordar as ações promovidas pelo Núcleo de Estudos e Pesquisas em Gênero e Sexualidade do IFRS Campus Bento Gonçalves (NEPGS BG), as quais se destacam pelo envolvimento de estudantes de ensino médio do referido campus e por seus impactos no combate ao preconceito contra a comunidade LGBTQIAPN+. O NEPGS BG foi fundado em 2015 a partir do protagonismo estudantil, uma vez que diversos/as discentes se sentiam agredidos por comentários sexistas e

LGBTfóbicos que escutavam nos corredores da escola. Deste modo, demandaram um espaço de articulação para promover a conscientização sobre o tema através de atividades de sensibilização.

As atividades do NEPGS BG foram variadas ao longo dos últimos, abarcando tanto a comunidade interna quanto externa em seu município de inserção. O NEPGS realiza reuniões quinzenais, nas quais são discutidos tópicos referentes à